

# A INCOMENSURABILIDADE E A “COMPATIBILIZAÇÃO” DE TEORIAS

José Borges Neto

Universidade Federal do Paraná

## RESUMO

Este texto pretende problematizar, à luz da noção de incomensurabilidade de Kuhn e de Feyerabend, as tentativas de “compatibilização” (“aproximação”, “articulação”) de teorias lingüísticas distintas cada vez mais frequentes a partir da segunda metade dos anos 80.

“Basta você substituir o vódica por uísque e o suco de tomate por limão e açúcar para transformar um *Bloody-Mary* num *uísque-sauer*.”

Millôr Fernandes

## 1. INTRODUÇÃO

Em trabalho apresentado durante a 40<sup>a</sup> Reunião Anual da SBPC (São Paulo, 1988) RAJAGOPALAN deplora a “desenfreada proliferação de aparatos teóricos” que tem como consequência a “crise institucional” da Lingüística.

“Em suma, a lingüística, hoje, são muitas coisas, cujo único denominador comum talvez seja a luta sem trégua pela posse da disciplina. Enquanto no eixo vertical — ou se se permitir um trocadilho inócuo, no sentido ‘paradigmático’ observa-se uma espécie de ‘síndrome de múltipla personalidade’, no eixo horizontal — isto é, no eixo sintagmático — podemos diagnosticar um estranho sumiço de identidade, de definição, face às disciplinas conexas.”

(RAJAGOPALAN, 1988, p. 1)

A questão da proliferação é abordada por RAJAGOPALAN a partir do reconhecimento de que há “motivação ideológica por trás da construção de teorias” — posição com a qual concordo integralmente e que já abordei em trabalhos ante-

riores<sup>1</sup> — mas deixa transparecer seu desejo de uma teoria lingüística unificada. Para RAJAGOPALAN, a existência de muitas teorias lingüísticas concorrentes cria um "impasse" que leva à "crise" e a única saída do impasse é a "re-aproximação entre as diversas correntes" com vistas à obtenção do paradigma único<sup>2</sup>.

"[a crise institucional da lingüística] se deve, entre outros fatores, à ausência de um único paradigma que funcione como força centripeta, que ofereça um conjunto de postulados gerais dentro do qual se possa enquadrar uma parcela significativa de pesquisa lingüística em andamento."  
(RAJAGOPALAN, 1988, p. 1)

Essa "re-aproximação" não é entendida como uma tarefa de fácil realização: RAJAGOPALAN propõe que se busquem inicialmente "canais de comunicação" entre as teorias e que se estabeleçam alguns parâmetros a partir dos quais essa "convivência" possa ser regulada.

A proposta de RAJAGOPALAN coloca alguns problemas interessantes para a Epistemologia da Lingüística. Identificar "parâmetros dentro dos quais se possa pensar tal aproximação" equivale a responder à seguinte questão:

- (1) Em que condições é possível "aproximar" teorias lingüísticas?

Como o leitor-lingüista já deve ter percebido, a questão (1) pressupõe outra questão, que lhe é anterior e com a qual a Epistemologia da Lingüística terá que se ver. Em outras palavras, (2) é a verdadeira questão:

- (2) É possível "aproximar" teorias lingüísticas distintas?

Não creio que se possam dar, no momento, respostas definitivas à questão (2). Muito trabalho histórico e muito trabalho empírico sobre tentativas de "aproximação" deverá ser feito. Podemos, no entanto, aproveitar a experiência de filósofos e historiadores da ciência que já se debruçaram sobre questões semelhantes em outras áreas do conhecimento científico e, à luz de seus resultados, estudar casos concretos de nossa ciência.

---

1 Ver BORGES NETO (1985 e 1987). Para mim — e, creio, para Rajagopalan também — o termo ideologia significa "sistema de idéias". "concepção", de forma que tanto a posição que vê "motivação ideológica" nas teorias quanto a posição contrária são fruto de ideologias distintas no que tange ao funcionamento da ciência.

2 Ouso ver no trabalho de Rajagopalan a influência da leitura do livro de HAWKING (1988), onde encontramos um relato do esforço feito pela Física, durante os últimos anos, para unificar a Teoria da Relatividade e a Teoria Quântica. Confesso estranhar profundamente a proposta de Rajagopalan — uma proposta "apolínea" vinda de um "dionísaco" explícito.

Este é o objetivo deste trabalho. Tomando como referencial teórico os trabalhos de KUHN e de FEYERABEND estudaremos a "aproximação" entre a Sociolinguística (de fato, a teoria sociolinguística conhecida como Teoria da Variação e da Mudança) e a Gramática Gerativa proposta na Sociolinguística Paramétrica de Fernando TARALLO.

## 2. A INCOMENSURABILIDADE

A noção de incomensurabilidade surge no quadro de uma epistemologia que encara a teoria científica como algo mais do que um modo de descrever uma realidade que existe além e independentemente dela.

Esta noção não terá lugar numa epistemologia que pretenda construir "uma ciência livre de qualquer visão de mundo"<sup>3</sup>, uma ciência puramente objetiva e racional, como é o caso da epistemologia positiva ou neo-positivista<sup>4</sup>.

Por outro lado, qualquer epistemologia que entenda a ciência como uma atividade humana de **reconstrução** da realidade, qualquer epistemologia que encare as teorias científicas como modos particulares, ideológicos, de ver a realidade, necessariamente se verá às voltas com a noção de incomensurabilidade.

Eu estou convencido — e creio que RAJAGOPALAN também — de que a ciência **constrói** o seu objeto, de que as teorias implicam uma metafísica e de que a racionalidade e a objetividade da ciência são, em grande parte, uma mera ilusão. As teorias científicas em geral, e as teorias linguísticas em particular, são ideologicamente motivadas.

A noção de incomensurabilidade surge inicialmente em KUHN (1962) como uma noção ligada às mudanças de Gestalt que acompanham as **revoluções científicas**.

"... as mudanças de paradigmas realmente levam os cientistas a ver o mundo definido por seus compromissos de pesquisa de uma maneira diferente. Na medida em que seu único acesso a esse mundo dá-se através do que vêem e fazem, podemos ser tentados a dizer que, após uma revolução, os cientistas reagem a um mundo diferente."  
(KUHN, 1962, p. 146)

3 Palavras de Otto Neurath, referindo-se ao Círculo de Viena (ver NEURATH, 1959b: 287).

4 Ver os textos constantes de AYER (comp.) 1959, especialmente os textos III, IV, V e IX, além do ensaio introdutório.

Para KUHN, os 'mundos' separados por uma revolução científica são **incomensuráveis** entre si.

"La comparación punto por punto de dos teorías consecutivas exige un lenguaje al que puedan traducirse sin pérdidas ni cambios como mínimo las consecuencias empíricas de ambas. . . . [muitos filósofos] continúan suponiendo que las teorías puedan compararse recurriendo a un vocabulario básico que esté compuesto totalmente por palabras asociadas a la naturaleza de un modo que sea no problemático y, en la medida necesaria, independiente de la teoría. ( . . . ) Feyerabend y yo hemos argüido extensamente que no se dispone de ningún vocabulario de este tipo. En el paso de una teoría a la siguiente las palabras cambian sus significados o sus condiciones de aplicabilidad por vías sutiles. Aunque la mayoría de los signos son los mismos antes y después de una revolución — por ejemplo, fuerza, masa, elemento, compuestos, célula — el modo en que algunos de ellos se asocian a la naturaleza ha cambiado de alguna manera. Decimos así que las teorías consecutivas son **incomensurables**."

(KUHN, 1970, p. 435-436)

A incomensurabilidade entre as teorias encontra-se ligada à tese de WHORF<sup>5</sup>, para quem as línguas naturais, além de instrumentos de descrição de eventos, são ainda **modeladoras** de eventos. Para KUHN e para FEYERABEND, as teorias científicas, nesse particular, não se distinguem das línguas naturais. As concepções de realidade vinculadas às teorias são, freqüentemente, tão distintas entre si quanto as ideologias subjacentes às culturas e assim como a língua, de certa forma, representa a ideologia da comunidade que a fala, a teoria veicula a concepção de realidade da comunidade científica que tem sua pesquisa orientada por ela. Em outras palavras, as teorias, como as línguas, **não são neutras**.

As **comparações** entre teorias distintas e a **tradução** de uma teoria a outra são possíveis, do mesmo modo que as traduções e as comparações entre as línguas naturais são possíveis. O que se nega é a **objetividade** e a **racionalidade** das comparações e traduções<sup>6</sup>.

5 Ver Whorf 1956.

6 Todos sabemos que as traduções de uma língua natural a outra, embora possíveis, sempre encerram alguma violência contra um dos idiomas: "Traduttore, traditore".

"Claro está, alguma forma de comparação é sempre possível (por exemplo, uma teoria física poderá soar mais melodiosa do que outra, quando apresentada em voz alta, com o acompanhamento de um violão). Coloquemos, porém, regras específicas para o processo de comparação, tais como as regras de lógica, aplicadas à relação das classes de conteúdo, e depararemos com exceções, restrições indevidas, e seremos forçados, a cada momento, a sair do embaraço através de evasivas."  
(FEYERABEND, 1977, p. 358)

Fica claro que qualquer proposta de "aproximação" de teorias distintas ou retoma os postulados neo-positivistas<sup>7</sup> ou encontra na questão da incomensurabilidade uma barreira formidável.

### 3. A SOCIOLINGÜÍSTICA PARAMÉTRICA

Nossa primeira tarefa deveria ser a apresentação do conteúdo da proposta de TARALLO. Não o podemos fazer, entretanto, sem um certo trabalho prévio de exegese.

No resumo que antecede seu texto de 1987, TARALLO afirma:

"O ensaio procura demonstrar a compatibilidade entre as análises propostas pelo paradigma laboviano e pelo quadro teórico chomskiano."  
(TARALLO, 1987, p. 51)

Ora, "demonstrar a compatibilidade" entre dois paradigmas, ou teorias, pode significar uma porção de coisas: demonstrar que as "motivações ideológicas" das duas teorias são as mesmas; demonstrar que os procedimentos metodológicos são os mesmos; demonstrar que elas são variantes notacionais; demonstrar que é possível reduzir uma teoria à outra; demonstrar que seus objetos são complementares, etc. Precisamos de outras indicações de TARALLO que eliminem a vagueza de seus propósitos e esclareçam a proposta. Observe-se a seguinte passagem:

---

7 A "aproximação" entre a proposta de Rajagopalan e o programa do Círculo de Viena pode ser percebida na seguinte passagem (troque-se "Ciência Unificada" por "Linguística Unificada"):

"El rápido progreso de la obra del Círculo de Viena muestra que el trabajo colectivo planeado, dedicado en este caso a la estructuración de la Ciencia Unificada, se halla en constante desarrollo. Cuanto menos tiempo sea necesario dedicar a la eliminación de antiguos errores y cuanto más podamos ocuparnos en la formulación de las interconexiones de las ciencias, tanto más rápidamente y con mejor éxito lograremos dicha construcción."  
(Neurath, 1959a: 214)

"Evidentemente, os pressupostos teóricos e os procedimentos metodológicos de um e de outro modelo são radicalmente opostos: não se trata pois de romper fronteiras e confundir domínios no sentido de 'parametrizar' (ou de eliminar) diferença, mas, sobretudo, de enfatizar a complementaridade entre os modelos naquilo que eles permitem (ou permitirem) compatibilizar resultados em relação àquelas questões levantadas por Borer de um lado, e por Weinreich, Labov e Herzog, de outro, resultados esses que estão muito mais próximos do que normalmente se pensa, se aceita e/ou se pensa aceitar."

(TARALLO, 1987, p. 55)

Creio que agora podemos avançar um pouco: algumas das alternativas que apontamos acima devem ser recusadas. "Demonstrar a compatibilidade" não significa demonstrar que as "motivações ideológicas" (=pressupostos teóricos) ou os procedimentos metodológicos são os mesmos. A afirmação de que "não se trata de romper fronteiras e confundir domínios" impede que entendamos a "compatibilização" como redução de uma teoria à outra e, com alguma boa vontade, impede que consideremos tratar-se de tradução. A afirmação de que os modelos "permitem... compatibilizar resultados" leva a crer que Tarallo considera comensuráveis as duas teorias e a afirmação de que se trata de "enfatizar a complementaridade entre os modelos" nos dá a indicação de que o pretendido no texto é demonstrar que as duas teorias são complementares<sup>8</sup>.

Mas o trabalho de exegese ainda não acabou. Precisamos entender o que significa dizer de duas teorias que elas são "complementares".

### 3.1. TEORIAS COMPLEMENTARES

Dizer que duas teorias são complementares pode significar que as duas teorias têm domínios diferentes, isto é, a "região" do objeto estudada por uma teoria não é a mesma "região" estudada pela outra. Duas teorias seriam "complementares" nesse sentido quando tivessem por objeto "componentes" distintos da linguagem: uma teoria, por exemplo,

---

8 Embora Tarallo só afirme que elas são complementares em alguns pontos e não diga que se trata de demonstrar a complementaridade, apenas de enfatizá-la, que é, obviamente, um termo muito mais fraco.

estudaria os fenômenos fonológicos enquanto a outra estudaria os fenômenos sintáticos.

Poderíamos supor que TARALLO estivesse tentando demonstrar que a Sociolinguística e a Gramática Gerativa tratam de aspectos diferentes, de "componentes" diferentes, do objeto e que sua proposta consistiria no estabelecimento de "pontes" que permitissem a passagem sem traumas, ou com poucos traumas, de uma a outra "região" do objeto.

Observando os casos tratados por TARALLO, e conhecendo as análises produzidas pelas duas teorias, podemos facilmente perceber que não é esta a concepção de "complementaridade" que está em jogo. Mesmo que quiséssemos dizer que a Gramática Gerativa estuda os fenômenos da competência enquanto a Sociolinguística estuda o desempenho, encontraríamos a resistência apaixonada dos sociolinguistas, para quem a distinção competência/desempenho carece de sentido<sup>9</sup>.

O mais provável é que estejamos diante de uma nova versão do que FEYERABEND chama de Teoria do Queijo-Suiço.

"Toda cosmologia (toda linguagem, todo modo de percepção) apresenta apreciáveis lacunas que podem ser preenchidas, permanecendo inalterado tudo o mais."

(FEYERABEND, 1977, p. 393)

Uma das teorias em questão — a Gramática Gerativa, por exemplo — daria uma descrição (ou explicação) do objeto de estudo. Como a realidade é sempre muito complexa<sup>10</sup>, inúmeros fatos permaneceriam sem descrição (ou explicação). Aí entraria a Sociolinguística, como uma teoria ancilar, para "preencher as lacunas" do tratamento gerativo. Da união ("aproximação", "compatibilização") das duas teorias obteríamos uma descrição mais completa (mais perfeita, mais interessante) do objeto. No caso em questão, não se trataria de uma das teorias apresentar lacunas e a outra simplesmente vir a preenchê-las; trata-se de duas teorias "queijos-suiços" que, simultaneamente, preenchem as lacunas uma da outra, sem perderem suas identidades. Em outras palavras, a Gramática Gerativa tem suas lacunas pre-

9 "I am not sure whether this is a useful distinction in the long run" (Labov 1969: 759, citado apud Dittmar 1976: 141). A proposta de Cedergren e Sankoff (1974), por outro lado, recupera, no quadro da Sociolinguística, a distinção competência/desempenho, o que comprova que a "complementaridade" entre as duas teorias não reside nesta distinção.

10 "A realidade é sempre mais ou menos do que nós queremos" já dizia Fernando Pessoa (sob o heterônimo Ricardo Reis).

enchidas pelas análises sociolingüísticas, a Sociolingüística tem suas lacunas preenchidas pelas análises gerativas e, não obstante, a Gramática Gerativa e a Sociolingüística permanecem exatamente como estavam (salvo pelo fato de não apresentarem mais lacunas) antes da "compatibilização".

É este o sentido que TARALLO empresta ao termo "complementaridade" em seus trabalhos. E não só em TARALLO, mas em outros autores, todos ligados à sociolingüística, conseguimos perceber a perspectiva do "queijo-suiço". Vejamos dois deles.

"Vamos olhar o problema, agora, do lado da Sociolingüística. Posso estar profundamente errado no que vou dizer aqui mas me parece que a inclusão de fatores não-estruturais nas descrições gramaticais relaxou nossa atenção quanto ao papel dos fatores estruturais nessas mesmas descrições."

(OLIVEIRA, 1986, p. 88)<sup>11</sup>

O que, de certa forma, OLIVEIRA está querendo dizer é que há, na Sociolingüística, uma lacuna (uma "falha") — os fatores estruturais — e que é preciso preenchê-la. Para eliminar essa "falha" são necessárias descrições de fatos estruturais e é mais fácil e econômico usar as descrições já existentes, produzidas no quadro de uma teoria que tenha desenvolvido instrumental adequado para isso — o que não é o caso da Sociolingüística<sup>12</sup> — do que criar todo um aparato descritivo novo. A Gramática Gerativa está justamente produzindo descrições de estruturas gramaticais em grande número. Basta que o sociolingüista preste mais atenção aos resultados das análises gerativistas para que haja grandes possibilidades de que as lacunas de sua teoria sejam preenchidas.

"Na constatação e explicação da variação, de sua estabilização e/ou de seu processo de desenvolvimento rumo à mudança, levando-se em conta tanto

11 Numa versão mais recente do texto (Oliveira 1987), esta passagem é substancialmente alterada. O ponto em questão, no entanto, não só permanece como até permite que identifiquemos com maior clareza a perspectiva do "queijo-suiço":

"não estariam as práticas sociolingüísticas incorrendo, por vezes, num tipo de falha, na medida em que não exploramos em profundidade os aspectos estruturais dos casos detectados como casos de variação?" (p. 21 — o grifo é meu)

12 Como facilmente podemos perceber percorrendo os trabalhos sociolingüísticos, os dados são descritos usando a notação da Gramática Gerativa, do estruturalismo ou de alguma outra teoria. Tome-se como exemplo BANKOFF & TARALLO (1987) e procure-se ver de onde saem os instrumentos de descrição (anáfora, cláusula relativa, pronome, COMP (lementizador) etc.) e se há diferenças maiores quanto à notação utilizada entre este trabalho e as análises gerativas convencionais.

as motivações lingüísticas quanto as extralingüísticas — ou sociais —, reside, sem dúvida, a grande contribuição da ciência lingüística social — a Sociolingüística — para o acervo do conhecimento sobre a linguagem humana articulada. Parece óbvio que o estudo do fenômeno linguagem não se poderia resumir à descrição e explanação da competência lingüística — tal como a define Chomsky —, por mais completos, exaustivos e convincentes que sejam tais procedimentos." (ALMEIDA, 1989, p. 86 — o grifo é meu).

O que esta passagem nos mostra é que, para o sociolingüista<sup>13</sup>, a Gramática Gerativa também apresenta lacunas (ou "falhas"): falta-lhe um tratamento para a variação e a mudança e falta-lhe o encaixamento do lingüístico no social. Acredito que é desnecessário acrescentar que para ALMEIDA é justamente a Sociolingüística que tem condições de "completar" a Gramática Gerativa.

A consideração das teorias lingüísticas como "queijos-suíços" é o que está por trás do Zelig de TARALLO<sup>14</sup>: seu "camaleão-lingüista" é alguém que, consciente das lacunas das teorias, não pode (não consegue ou não quer) assumir compromissos mais fortes com qualquer uma delas. Não passa pela cabeça de Zelig a possibilidade de "superar" duas teorias incompatíveis criando uma terceira. Zelig entende as teorias como "queijos-suíços" e o mais fácil é simplesmente justapô-las como se fossem peças de um jogo de encaixes.

Creio que já avançamos bastante na direção de um entendimento mais profundo da proposta de Tarallo. Há ainda, no entanto, alguns pontos a serem esclarecidos.

### 3.2. TEORIAS INCOMENSURÁVEIS.

Toda teoria supõe um ponto de vista (um modo de representação, um sistema de referências, um cosmos) cujos elementos (conceitos, "fatos", "dados", componentes) surgem de acordo com certos princípios de construção<sup>15</sup>. Estes princípios de construção vão permitir que a teoria diga ou descubra certas coisas e vão impedir que diga ou descubra

13 Sempre cabe perguntar o que o gerativista pensa disso tudo. Não creio que haja gerativistas (não-dissidentes) queixando-se de que sua teoria não dá conta do encaixamento social da linguagem ou de que sua teoria não permite o tratamento da variação e da mudança. São os sociolingüistas que vêem lacunas na Gramática Gerativa.

14 Ver Tarallo (1980a). Não vou me alongar sobre esta proposta de Tarallo porque já o fiz em outro lugar (ver BORGES NETO & MÜLLER 1987).

15 Saussure (1916: 15) já dizia: "O ponto de vista constrói o objeto".

outras coisas. Em outras palavras, há conceitos ("fatos", "dados") que não podem ser ditos ou descobertos sem que os princípios de construção sejam violados<sup>16</sup>. Por exemplo, o behaviorismo skinneriano pode dizer muitas coisas e descobrir muitos fatos mas, certamente, não pode descobrir "fatos mentais", nem se referir a eles, sem violar seus princípios de construção. Sustar (recusar, falsear, negar, violar) os princípios de construção significa sustar todos os "fatos" e todos os conceitos da teoria.

Para sabermos se duas teorias são ou não incomensuráveis, basta tomarmos alguns fatos (ou conceitos) construídos em um delas e vermos se eles sustentam ou não os princípios de construção da outra: se sustentarem, as duas teorias são incomensuráveis.

Poderíamos tentar discutir a (in)comensurabilidade das duas teorias que vimos analisando por meio de uma análise detalhada dos princípios de construção de uma e de outra. Vamos, no entanto, discutir esta questão a partir de um exemplo.

Tomemos emprestada de MILROY (1980) a seguinte tabela:

<i>Variables</i>	1 (ai)	2 (a)	3 (i)	4 (Λ <sup>1</sup> )	5 (th)	6 (Λ <sup>2</sup> )	7 (ε <sup>1</sup> )	8 (ε <sup>2</sup> )
Hannah McK	1.4	1.05	1.2	0	0	0	66.7	25.00
Paula C	2.4	2.63	2.5	9	58.34	70.46	100	47.83

Two speakers' scores for eight phonological variables. 1-3 are index scores; 4-8 represent percentages. A higher score indicates a relatively close approximation to vernacular norms.

(MILROY, 1980, p. 131 — Table 5.4)

Segundo MILROY, a tabela mostra claramente que Paula aproxima-se mais das normas lingüísticas do vernáculo do que Hanna. As características sociais (idade, sexo, classe etc.) de ambas são muito semelhantes e, no entanto, há uma diferença sistemática, nas oito variáveis estudadas, entre a norma do vernáculo e a fala de cada uma das informantes. Para explicar essa consistência, MILROY propõe uma hipótese:

"closeness to vernacular speech norms correlates positively with the level of integration of the

16 Sigo bem de perto, nesta exposição, FEYERABEND (1977: 396).

individual into local community networks." (MILROY, 1980, p. 133-134).

A hipótese de MILROY é corroborada pela constatação de que Paula é mais integrada do que Hanna na comunidade em que ambas vivem, isto é, as relações de Paula com outros membros da comunidade (vizinhos, colegas de trabalho etc.) e sua presença em grupos informais são mais intensas do que as de Hanna.

Vejamos agora que elementos estão em jogo neste exemplo. Começemos com os dados que MILROY usa:

- D.1.: os "scores" dos falantes em relação às variáveis fonológicas;
- D.2.: o complexo de relações entre os indivíduos que compõem a comunidade em que vivem Paula e Hanna;
- D.3.: uma descrição, independente, do vernáculo.

É fácil ver que esses dados supõem um certo número de conceitos teóricos que, em consequência, também estão sendo usados por MILROY. Fiquemos com os mais evidentes:

C.1.: conceito de variável:

"A sociolinguistic variable is a linguistic element... which co-varies not only with other linguistic elements, but also with a number of extra-linguistic independent variables such as social class, age, sex, ethnic group or contextual style." (MILROY, 1980, p. 10).

C.2. conceito de vernáculo:

"the speaker's least overtly careful style."<sup>17</sup> (MIROY, 1980, p. 12).

C.3.: conceito de comunidade:

"Membership of a group labelled 'lower-middle-class' does not necessarily form an important part of a person's definition of his social identity. Yet smaller-scale categories are available which reflect the fact that are social units to which people feel

---

17 É o estilo de fala que Labov chama de estilo B (ver Labov 1972); cap. 3.

they belong and which are less abstract than social classes. For this smaller-scale, more concrete, unit we reserve the term community used in a specific, technical sense."

(MILROY, 1980, p. 14).

#### C.4.: conceito de rede social ("social network"):

"Network analysis, in a broad sense, is the study of the relations that exist in an ongoing system. When applied to social systems, network analysis is a structural strategy which is primarily concerned with relations among the individuals in any group."

(BORTONI, RICARDO, 1985, p. 69).

Além desses dados e desses conceitos, MILROY precisa de um instrumento de medida, que permita estabelecer, objetivamente, a distância entre a fala do indivíduo e o vernáculo, e de uma hipótese que preveja a correlação entre os resultados das medidas e a integração dos indivíduos na rede de relações sociais da comunidade.

A partir dos conceitos MILROY estabelece os dados: os conceitos pertencem à teoria utilizada e dizem que tipo de fenômeno observar e que tipo de resultado buscar tirar dos fenômenos observados.

De posse dos dados, MILROY busca explicá-los, isto é, deduzi-los de uma hipótese. A hipótese de que dispõe determina que a variação é determinada por fatores extra-lingüísticos do tipo sexo, idade, classe social, etc. Como MILROY é capaz de perceber nos dados fenômenos sistemáticos que fogem das possibilidades de explicação da hipótese disponível, MILROY cria nova hipótese. Nesse processo de criação da hipótese, MILROY estabelece, inicialmente, dois fatos:

F.1.: a fala de Paula é menos distante do vernáculo do que a fala de Hanna;

F.2.: Paula é mais integrada do que Hanna na comunidade em que ambas vivem.

A relação entre os dois fatos cria uma hipótese local, que estabelece correlação entre a distância relativa fala-de-Paula/vernáculo e fala-de-Hanna/vernáculo e a integração de Paula e Hanna na comunidade. Essa hipótese local é generalizada numa hipótese geral que diria algo como: As distâncias relativas entre as falas individuais e o vernáculo se correlacionam com as posições relativas dos indivíduos na rede de relações sociais de sua comunidade.

Todos os fatos estabelecidos daí para a frente, ou seja, todos os fatos sobre as distâncias entre as falas dos membros da comunidade e o vernáculo e sobre os diferentes níveis de integração dos indivíduos na comunidade, deverão ser deduzidos da nova hipótese geral.

Feita a análise do exemplo, podemos passar à questão que nos interessa: é possível dizer, no quadro da Gramática Gerativa, o que MILROY diz sobre a fala de Paula e de Hanna? É possível, no quadro da Gramática Gerativa, usar os dados que MILROY usa? usar os conceitos que MILROY usa? descobrir os fatos que MILROY descobre? postular a hipótese que MILROY postula?

Qualquer pessoa que tenha um conhecimento pouco mais que superficial de Gramática Gerativa só poderá responder a essas perguntas com um claro e sonoro NÃO.

Não é necessário multiplicarmos os exemplos. A conclusão a que chegaremos com a análise de outros exemplos não deverá ser diferente da conclusão a que chegamos com a análise deste: não é possível encontrar (dizer, descobrir, usar) conceitos (fatos, construtos, correlações, hipóteses) de uma teoria na outra<sup>18</sup>.

Talvez se pudesse levantar a seguinte objeção: embora não se possa encontrar conceitos da sociolinguística na Gramática Gerativa, é possível encontrar conceitos da Gramática Gerativa na Sociolinguística, o que confirmaria o dogmatismo (o "não-camaleão") do gerativista. Submeterei esta objeção a uma análise mais demorada na próxima seção deste texto.

Ignorando, provisoriamente, a objeção, assumirei a conclusão de que elementos da Sociolinguística não aparecem na Gramática Gerativa e vice-versa. Isto se dá por mero acidente ou cada teoria apresenta propriedades estruturais que impedem a coexistência de elementos de uma e de outra teoria? A resposta é óbvia. Há propriedades estruturais — os princípios de construção — que impedem essa coexistência. A Gramática Gerativa e a Sociolinguística são teorias incomensuráveis e, em conseqüência, não faz nenhum sentido tentar "aproximá-las" ou "compatibilizá-las".

"Cada teoría es, en sí misma, un todo en el que el análisis en elementos o componentes disjuntos resulta... irrelevante. Esto se debe a que todos los

18 Esta afirmação é empírica e, enquanto tal, poderá ser contestada. Lve-se em conta, no entanto, que eu não estou falando de termos — termos comuns às duas teorias; há muitos — mas de conceitos (fatos, dados, hipóteses etc.) O termo língua, por exemplo, aparece nas duas teorias, mas com sentidos radicalmente distintos. Para usar a terminologia de Chomsky, a Sociolinguística atém-se à E-língua enquanto a Gramática Gerativa toma como objeto a I-língua (ver CHOMSKY 1986).

términos de una teoría semejante sólo puedan alcanzar su significado y sus criterios de objetividad y verdad en el contexto total dado por dicha teoría."

(BOHM, 1979, p. 423).

É fácil ver que os objetos da Gramática Gerativa e da Sociolinguística são distintos: o objeto da Gramática Gerativa é a 'gramática universal', entendida como "a characterization of the genetically determined language faculty" (Cf. CHOMSKY, 1986), enquanto o objeto da Sociolinguística é "the grammar of the speech community: the system of communication used in social interaction" (Cf. LABOV, 1982). Como os dados não são mais do que manifestações do objeto, como os conceitos são representações de elementos atribuídos ao objeto, como as hipóteses são sempre hipóteses sobre o objeto ou sobre seus elementos, não há como "romper fronteiras e confundir domínios".

Do mesmo modo, não faz nenhum sentido pretender que uma teoria desempenhe tarefas para as quais não foi construída. Não se pode exigir que a Gramática Gerativa dê conta da variação e da mudança linguística ou que a Sociolinguística dê conta da gramática universal presente na mente/cérebro dos falantes como herança genética. Cada teoria tem seu objeto e seus objetivos e, a partir daí, constrói todo seu aparato teórico.

"Só há uma tarefa que podemos legitimamente exigir que uma teoria desempenhe: deverá proporcionar-nos correta visão do mundo, ou seja, da totalidade de fatos, tal como constituídos por seus próprios conceitos básicos."

(FEYERABEND, 1977, p. 411).

### 3.3. A SOCIOLINGÜÍSTICA PARAMÉTRICA, FINALMENTE.

Já temos, enfim, condições de esclarecer, analisar e criticar a proposta de TARALLO. Vamos fazê-lo, novamente, a partir da análise de exemplo.

Para propor a "sociolinguística paramétrica", TARALLO usa, entre outros, o exemplo do funcionamento da inversão livre de sujeito em português, espanhol e francês<sup>19</sup>.

A Gramática Gerativa propõe que as línguas sejam divididas em dois grandes grupos a partir do parâmetro pro-

19 Ver Tarallo 1987: 69 e ss.

**drop** (ou Parâmetro do sujeito nulo) e define esse parâmetro a partir de um conjunto de propriedades, uma das quais é a inversão livre de sujeito. O francês é normalmente caracterizado como uma língua **não pro-drop**, enquanto o português e o espanhol seriam **pro-drop**.

"... o francês não se caracteriza por ser pro-drop. Ou seja, a impossibilidade de sujeito nulo em francês prevê também a não-inversão livre de sujeito. Contrariamente, e por definição do parâmetro sintático, o espanhol e o português, ao apresentarem sujeitos nulos, prevêm a inversão livre de sujeito". (TARALLO, 1987, p. 70).

Nas três línguas, no entanto, apesar da parametrização distinta, a inversão de sujeito se dá, e de forma muito semelhante. Em nenhuma das três línguas a inversão é livre, mas sempre condicionada por fatores sintáticos. Esses fatores, entretanto, têm comportamentos distintos nas três línguas, em desobediência aos limites dados pelo parâmetro **pro-drop**.

Os fatores de condicionamento são:

- a) a inversão do sujeito é mais fácil com verbos intransitivos (nas três línguas);
- b) a inversão é condicionada pela presença de um "gatilho" em posição pré-verbal (em francês e espanhol);
- c) a inversão é restringida pelo "peso" do sintagma nominal sujeito, de forma que quanto maior o "peso", mais difícil a inversão (em português e francês).

Diante desses fatos, TARALLO pergunta:

"será o francês um sistema tão pro-drop quanto o espanhol e o português? Serão o espanhol e o português menos pro-drop do que se pensa?" (TARALLO, 1987, p. 74).

Segundo TARALLO, a noção de parâmetro procura resgatar, no quadro da Gramática Gerativa, a **variação linguística inter-sistêmica** e o que ele propõe é que se dê um passo a mais: que se traga a noção de parâmetro para o interior das línguas e, com ela, procure-se resolver a **variação intra-sistêmica**. Como a **variação intra-sistêmica** é o "assunto" tradicional da Sociolinguística, o que obtemos com esse passo é uma **Sociolinguística Paramétrica**.

"Ao 'parametrizarmos' as línguas do ponto-de-vista da teoria da variação e da mudança, estamos na

realidade colocando os fatores condicionadores à aplicação de determinadas regras locais dentro de uma perspectiva 'paramétrica'." (TARALLO, 1987, p. 75).

A proposta de TARALLO admite duas interpretações: uma interpretação forte e outra fraca. A interpretação forte suporia a introdução da noção de parâmetro, tal qual constituída no quadro da Gramática Gerativa, no conjunto de conceitos teóricos da Sociolinguística. A interpretação fraca, por outro lado, suporia a criação, no quadro da Sociolinguística, de um conceito de parâmetro (homônimo do conceito da Gramática Gerativa). O texto de Tarallo não permite que se decida facilmente por uma ou outra interpretação: aparentemente, ele hesita entre as duas.

Consideremos, inicialmente e por hipótese, que TARALLO assume a interpretação forte. "Sociolinguística Paramétrica", nesta interpretação, deve significar a introdução da noção de parâmetro na Sociolinguística, **sem que esta perca sua identidade.**

Como vimos acima, as duas teorias são incomensuráveis, de forma que não há a possibilidade de conceitos de uma teoria aparecerem na outra sem que os princípios de construção sejam violados. Há, no entanto, a possibilidade de ignorar a questão da incomensurabilidade adotando uma perspectiva instrumentalista frente às teorias linguísticas.

Uma interpretação instrumentalista das teorias científicas as vê como instrumentos de descrição e classificação de "fatos" obtidos, objetivamente, por uma linguagem de observação independente de teorias. Se os "fatos" são sempre os mesmos — porque teoricamente neutros — não haverá problemas em comparar, avaliar empiricamente ou mesmo justapor teorias distintas que deles pretendam dar conta.

Na perspectiva instrumentalista as teorias são meras notações adequadas para o cálculo e para as previsões dos "fatos". Com isso, a meu ver, o instrumentalismo retira das teorias científicas o que elas têm de essencial, que é a visão de mundo.

É fácil perceber a interpretação instrumentalista que as teorias linguísticas recebem quando vemos o que Tarallo precisa fazer com a Sociolinguística para que a noção de parâmetro caiba em suas análises.

**"Se desconsiderarmos por um momento o componente social da linguagem, tão presente nos estudos de variação e de mudança linguísticas, veremos uma nítida relação entre as questões formuladas**

acima [questões que BORER, enquanto gerativista, coloca para a teoria dos parâmetros] e alguns dos princípios estabelecidos pela Sociolinguística (variação e mudança) no texto clássico de Weinreich, Labov e Herzog.”  
(TARALLO, 1987, p. 54 — os grifos são meus).

A relação de ‘complementaridade’ entre Gramática Gerativa e Sociolinguística torna-se nítida “se desconsiderarmos... o componente social da linguagem”, ou seja, se esvaziarmos a sociolinguística do que lhe é característico. Sem a perspectiva do social, sem a consideração do não-estrutural, a Sociolinguística deixa de ser uma teoria e passa a ser uma metodologia de análise de dados linguísticos que só se distingue de outras metodologias pela atenção que presta às variações individuais de linguagem e pelo uso de instrumental estatístico.

A Gramática Gerativa, como vimos, não tem como aproveitar os resultados da pesquisa sociolinguística. Na medida em que esses resultados referem-se à comunidade linguística e não ao indivíduo, na medida em que esses resultados são obtidos sobre a linguagem entendida como produto e não sobre a linguagem entendida como um saber inato inscrito na mente/cérebro dos falantes, na medida em que esses resultados envolvem, de forma indissociável, o estrutural e o não-estrutural, eles não têm lugar no “mundo” do gerativista. Se retirarmos o não-estrutural, se retirarmos o social dos dados, não teremos mais dados sociolinguísticos. E se, além disso, usarmos para a análise estrutural dos dados a notação desenvolvida pela Gramática Gerativa estaremos fazendo exatamente o que Tarallo quer evitar, e que considera um preconceito.

“Nossa maior intenção foi a desmistificação de alguns pré-conceitos (ou serão eles preconceitos?) correntes na linguística atual: 1. que as análises de base empirista sociolinguística têm por motivação primordial falsear as análises de modelos psicológicos [gramática gerativa].”

(TARALLO, 1986b, p. 20).

O gerativista sabe que os parâmetros, e suas propriedades definidoras, são propostos como hipóteses empíricas e que a testagem dessas hipóteses nos dados linguísticos lhe dará “feedback” para mantê-las ou alterá-las. Ele sabe também que suas hipóteses, enquanto hipóteses sobre a Gramática Universal, devem valer para todas as línguas e para to-

das as variações das línguas. Os dados das análises sociolinguísticas, então, podem ser interessantes para o gerativista, que deverá, no entanto, reinterpretá-los garantindo que não há determinações de outros módulos da mente, além do módulo "linguagem", na sua realização.

A introdução da noção de parâmetro na Sociolinguística, então, determinará ou que o conceito de parâmetro seja retirado de seu lugar próprio, e com isso descaracterizado, ou que a Sociolinguística fique esvaziada do que lhe é essencial.

Passemos agora à interpretação fraca. Nesta interpretação, o termo parâmetro deve ser entendido como um homônimo do parâmetro da Gramática Gerativa. Não se trata mais de emprestar um conceito mas de se construir, no quadro da Sociolinguística, um novo conceito que receberá o nome de parâmetro e que, na melhor das hipóteses, apenas permitirá uma relação analógica fraca com o conceito da Gramática Gerativa. Há passagens, no texto de TARALLO, que permitem essa interpretação.

"Os resultados obtidos por Poplack sobre a variação fonológica de (s) no espanhol portorriquenho apontam, pois, para a seguinte 'parametrização': o simples enfraquecimento de segmentos consonantais em variação é, via de regra, regido por fatores puramente estruturais, e, ao se iniciar o processo de apagamento, tais fatores estruturais começam a interagir com fatores de outra ordem, os funcionais. Tal 'parametrização' permite, ainda, uma terceira colocação (ou previsão): no caso de um segmento que apresente mais de uma etapa de enfraquecimento (diferentemente, pois, de (s) que prevê somente uma: a aspiração), a força dos fatores funcionais poderia ser traçada à medida que os vários processos de enfraquecimento dirigem o segmento variável ao total apagamento. É o que Poplack nos demonstra a partir de uma análise de (n)."

(TARALLO, 1987, p. 63).

O que temos nessa passagem é o levantamento dos fatores que regem um processo de mudança (o apagamento de (s) em espanhol portorriquenho). Essa mudança se dá em duas etapas: na primeira, a mudança é condicionada principalmente por fatores estruturais; na segunda, por fatores estruturais e funcionais.

TARALLO vai perceber que algo análogo acontece com o português e com o francês e vai propor que esses "passos"

semelhantes no processo de mudança fonológica sejam tratados como **parâmetros**.

Para percebermos mais claramente como essa noção de parâmetro proposta por TARALLO não tem nada a ver com a noção da Gramática Gerativa, deixemos que BORER (bastante citada por Tarallo) nos diga o que são os parâmetros:

"Em essência, dividir a GU [Gramática Universal] em princípios, de um lado, e parâmetros, de outro, implica num processo particular de aquisição da linguagem. Quando uma criança é exposta aos dados do meio (input data"), ela está equipada com dois tipos de mecanismo. Primeiro, ela tem disponível uma gramática construída sobre os princípios universais. Segundo, com base nos dados do meio, a criança determina o valor de um parâmetro particular. O conjunto das escolhas e sua natureza é pré-determinada: os dados do meio não introduzem mecanismos teóricos não existentes previamente ou uma escolha não especificada nos parâmetros da GU. Pelo contrário, eles permitem à criança escolher uma possibilidade particular dentre duas (ou mais) existentes."  
(BORER, 1981, p. 11).

Trabalhando em cima de uma analogia com a genética, poderíamos dizer que os princípios universais equivalem ao **genoma** e que as gramáticas das línguas particulares equivalem às **realizações particulares** do genoma (os fenótipos). Todas as possibilidades de realização da gramática universal, sob a forma de gramáticas de línguas particulares, são de algum modo pré-determinadas e devem já estar inscritas na própria gramática universal.

A noção de parâmetro de TARALLO, por outro lado, não pode ser caracterizada como um "detalhamento de universal". TARALLO não parte de um universal e busca suas realizações particulares (se o fizesse seria simplesmente um gerativista), parte de particulares e, por indução, busca princípios cada vez mais universais. Seu parâmetro é uma **generalização** de particulares e aproxima-se muito mais dos **universais implicacionais** de Greenberg do que dos parâmetros da Gramática Gerativa.

Em suma, se entendermos a Sociolinguística Paramétrica na interpretação forte, estaremos diante de uma visão instrumentalista das teorias linguísticas, que descaracteriza estas teorias retirando-lhes a essência. Se assumirmos a interpretação fraca estaremos diante do uso do termo parâmetro

para designar algo que a meu ver não é muito distinto do universal implicacional de Greenberg. Em nenhuma das interpretações estaremos diante da possibilidade de "aproximação dos contrários".

Em que sentido, então, a "parametrização" dos dados da variação e da mudança permitiria uma aproximação entre a Sociolinguística Paramétrica e a sintaxe paramétrica desenvolvida na Gramática Gerativa?

Quer me parecer que a única possibilidade se resume no seguinte: para Tarallo, a Gramática Gerativa, com a noção de parâmetro, inicia um movimento na direção do variável, do diferente. Os Universais não são mais, de certa forma, absolutos, mas admitem inúmeras realizações distintas, ou seja, admitem "variação". Se, num movimento antitético, a Sociolinguística deixar de se preocupar exclusivamente com o variável, se, para além do variável, passar a ver generalizações ("parâmetros"), podemos prever um momento em que o detalhamento da Gramática Gerativa se encontre com a generalização da Sociolinguística.

Voltando ao exemplo da inversão de sujeito, podemos ver que, segundo a concepção de TARALLO, ao parametrizar a sintaxe, a Gramática Gerativa desce um nível no grau de abstração, aproximando-se do concreto. A Sociolinguística, isto é, os trabalhos de variação e mudança realizados sobre casos de inversão de sujeito em francês, espanhol e português, na medida em que são "parametrizados", sobem um degrau na direção do abstrato. Pode-se prever que a "abstração" da Sociolinguística e a "concretização" da Gramática Gerativa aproximem "de forma lenta, gradual e segura" as duas teorias. Para TARALLO, tal "aproximação" não só é desejável, como é inevitável. Não fica clara, nos trabalhos de TARALLO, a vantagem que a Sociolinguística teria com essa "aproximação", mas, para a Gramática Gerativa, a "aproximação" abriria a única saída para a avaliação empírica das hipóteses de parâmetros.

"somente uma leitura 'parametrizada', tal qual a propusemos, dos fatores condicionadores levantados pela teoria da variação e da mudança garantiria, entre outras coisas, uma eventual re-definição e um possível realinhamento das propriedades previstas para determinado parâmetro sintático."  
(TARALLO, 1987, p. 75).

Parece claro que a proposta de TARALLO, nessa interpretação fraca, é, de novo, a teoria do "queijo-suiço" em ação.

Não se trata, porém, de justapor teorias, mas de justificar resultados de teorias.

Ora, se as teorias são incomensuráveis, seus resultados também o serão. Os resultados (os "fatos" descobertos pela teoria) estão condicionados pelos princípios de construção tanto quanto os conceitos, as hipóteses, etc. Dessa forma, a incomensurabilidade "mata na casca" essa proposta de uma Sociolinguística Paramétrica.

#### 4. CONCLUSÃO.

Toda a análise que fizemos na parte 3 deste trabalho procurou mostrar que a busca de parâmetros que orientem a "convivência", as "re-aproximações", entre as teorias linguísticas — tarefa proposta por RAJAGOPALAN — deverá necessariamente levar em consideração a natureza ideológica das teorias e, em consequência, a possível incomensurabilidade entre elas. Nem todas as "aproximações", no entanto, serão inviáveis. LABOV (1981), por exemplo, faz uma aproximação, aparentemente bem sucedida, entre os tratamentos dados à mudança linguística pelos Neogramáticos, de um lado, e pelos difusionistas, de outro. Trata-se, no entanto, não de duas teorias, como Sociolinguística e Gramática Gerativa, mas de duas hipóteses explicativas para os mesmos dados: as diferenças são mais metodológicas do que ideológicas. Neste caso, a incomensurabilidade está ausente e a "aproximação" é possível. O sucesso eventual numa "aproximação" ou "compatibilização" não nos permite concluir que todas as aproximações e compatibilizações são possíveis.

Não vejo porque se deva deplorar a proliferação de teorias, nem vejo a proliferação como causa de "crise". Ao contrário. Em ciência, só se obtém o progresso quando há pontos de vista em conflito — a ciência só progride "pela discussão crítica de visões alternativas", como diz Feyerabend. A idéia de paradigma único, embora possa parecer atraente, significa o monopólio de um ponto de vista, de uma ideologia, e todo monopólio ideológico leva ao dogmatismo.

Não há porque temer a proliferação. Não há porque desejar "aproximações" ou "compatibilizações". Cada teoria é uma estrada que assim como pode levar a alguma cidade, pode terminar num precipício ou num fundo de vale. Cada teoria deve ser levada às suas últimas consequências, sem "camaleonices", para que possamos saber da fertilidade de seu ponto de vista. Quem puder mais, chorará menos.

A Sociolinguística e, em especial a Teoria da Variação e da Mudança, tem o seu lugar, tem o seu interesse e a sua importância. Enquanto teoria da variação linguística, enquan-

to teoria da mudança lingüística, enquanto teoria das relações entre o lingüístico e o social, a contribuição da Sociolingüística não pode ser desprezada. O mesmo acontece com a Gramática Gerativa. É impossível ignorar o papel desta teoria se estivermos interessados na maior compreensão do funcionamento das línguas naturais. Aproximar essas duas teorias significa ou descaracterizá-las, jogando fora todo o acervo de conhecimentos que, cada qual a seu modo, acumularam, ou sonhar com uma utopia em que a ciência seja objetiva e racional, o mundo seja transparente e o cientista seja capaz de ver para além das aparências.

Se queremos sonhar com utopias, busquemos as "aproximações". Se, por outro lado, queremos nos engajar na atividade real da ciência, deixemos as teorias desenvolverem-se autonomamente, com todas as suas virtudes e limitações.

Não pretendo ser o dono da verdade. Não pretendo ter demonstrado "efetiva e cabalmente" nenhuma tese. Posso estar profundamente errado em meu posicionamento. Somente a discussão franca e honesta dos pontos de vista conflitantes poderá levar a avanços nessa área.

"Discussões exaustivas de métodos, informações exaustivas de processos, troca de opiniões sobre tudo, eis a única forma possível de esclarecer teorias e melhorar o nível da prática. A discussão, mesmo quando não traz a luz, líquida com muita idéia imbecil".

Millôr Fernandes

#### REFERENCIAS

- 1 ALMEIDA, Guido de. 1989. Resgatando a contribuição da sociolingüística laboviana. D.E.L.T.A., São Paulo, v.5, n.1, p.71-99, 1989.
- 2 AYER, A.J. (comp.) 1959 [1986]. El Positivismo Lógico. México: Fondo de Cultura Economica.
- 3 BOHM, David. 1979. La ciencia como percepción-comunicación. In SUPPE, F. La estructura de las teorías científicas. Madri: Ed. Nacional, 1979, pp. 421-439.
- 4 BORER, Hagit. 1981. Parametric variation in clitic constructions. M.I.T., Ph.D. Dissertation.
- 5 BORGES NETO, J. 1985. Diálogo sobre as razões da diversidade teórica na Lingüística. Fragmenta Lingüística & Literaria, Curitiba, n.2, p.1-13.
- 6 ——— 1987. Filosofia da Lingüística. Texto lido durante a 39.ª Reunião Anual da SBPC (Brasília, 1987). Manuscrito inédito.

- 7 ———; MÜLLER, Ana Lúcia. 1987. *Linguistas ou camaleões? — uma resposta a Tarallo*. D.E.L.T.A., São Paulo, v.3, n.1, p.85-95, 1987.
- 8 BORTONI-RICARDO, Stella Maris. 1985. *The urbanization of rural dialect speakers*. Cambridge University Press.
- 9 CEDERGREN, H. & SANKOFF, D. 1974. Variable rules: performance as a statistical reflection of competence. *Language* v.50, n.2, p.333-355.
- 10 CHOMSKY, Noam. 1986. *Knowledge of Language*. Nova Iorque: Praeger.
- 11 DITTMAR, Norbert. 1976. *Sociolinguistics: a critical survey of theory and application*. Londres: Edward Arnold.
- 12 FEYERABEND, Paul. 1977. *Contra o Método*. Rio: Francisco Alves.
- 14 HAWKING, Stephen. 1988. *Uma breve história do tempo: do Big Bang aos buracos negros*. Rio: Rocco.
- 14 KUHN, Thomas. 1962 [1975]. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva.
- 15 ——— 1970 [1975]. Consideración en torno a mis críticos. In LAKATOS, I.; MUSGRAVE, A. (eds.) *La crítica y el desarrollo del conocimiento*. Barcelona: Grijalbo.
- 16 LABOV, W. 1972. *Sociolinguistic patterns*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press.
- 17 ——— 1981. Resolving the neogrammarian controversy *Language* v.57, n.2, p.267-308, 1981.
- 18 ——— 1982. Building on empirical foundations. In LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (eds.) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1982, pp. 17-92.
- 19 MILROY, Lesley. 1980. *Language and social networks*. Oxford: Basil Blackwell.
- 20 NEURATH, Otto. 1959a. *Proposiciones protocolares*. In: AYER (comp.) 1959, p.205-214.
- 21 ——— 1959b. *Sociología en fiscalismo*. In: AYER (comp.) 1959, p.287-322.
- 22 OLIVEIRA, Marco Antonio de. 1986. Algumas notas sobre o conceito de variável lingüística e sua dimensão nas descrições gramaticais. *ABRALIN: Boletim da Associação Brasileira de Lingüística* n.8, p.87-95, 1986.
- 23 ——— 1987. Variável lingüística: conceituação, problemas de descrição gramatical e implicações para a construção de uma teoria gramatical. D.E.L.T.A., São Paulo, v.3, n.1, p.19-34, 1987.
- 24 RAJAGOPALAN, Kanavillil. 1988. *Evidências e argumentos: reflexões sobre a construção de teorias lingüísticas*. Texto lido durante a 40.<sup>a</sup> Reunião Anual da SBPC (São Paulo, 1988). Manuscrito inédito.
- 25 SANKOFF, G.; TARALLO, F. 1987. Relativization and anaphora in spoken language. D.E.L.T.A., São Paulo, v.3, n.2, p.197-214, 1987.

- 26 SAUSSURE, Ferdinand de. 1916 [1970]. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1970.
- 27 TARALLO, Fernando. 1986a. Zelig: um camaleão-lingüista. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v.2, n.1, p.127-144, 1986.
- 28 ——— 1986b. "Era uma vez...": Estória, História e Ahistória. **O Histórico e o Discursivo**, Uberaba: FIUBE (série Estudos n.º 12).
- 29 ——— 1987. Por uma sociolingüística românica "paramétrica": fonologia e sintaxe. **Ensaio de Lingüística**, Belo Horizonte, n.13, p.51-83, 1987.
- 30 WHORF, Benjamin L. 1956. **Language, Thought and Reality**. Cambridge, Mass.: MIT Press.